

Um monstro nas minas ilustradas: O diabo na livraria do cônego

A monster in the Enlightened Minas: *O diabo na livraria do cônego*

Késia Rodrigues de Oliveira*

Resumo: A figura mitológica do diabo é elemento recorrente tanto no imaginário popular quanto em personagens da literatura ocidental sendo atribuída a ele a representação da maldade. Entretanto, é no período colonial mineiro que tal figura aparecerá, para além da conjuntura religiosa, simbolizando na forma de livros, as ideias iluministas francesas. Este artigo pretende, a partir de uma leitura crítica do ensaio "O diabo na livraria do cônego", de Eduardo Frieiro, e do conto "1789-1790", de Maria José de Queiroz, analisar, sob o contexto histórico da Inconfidência Mineira, as referências aos livros e ao diabo, alegoria das ideias libertárias, e sua relação com o espaço da biblioteca.

Palavras-chave: Diabo. Biblioteca. Minas Gerais.

Abstract: Devil's mythological figure is a recurring element in folklore as well as its portrayal in Western literature, in which it represents evil. However, over Minas Gerais' colonial period the devil started to be perceived as a symbol, in the form of books, of the French Enlightenment ideals, beyond its religious context. This paper aims to analyze, under the scope of the Inconfidência Mineira – Brazilian independence movement and through the critical reading of the essay "O diabo na livraria do cônego", by Edward Frieiro, and the short story "1789-1790", by José Maria de Queiroz, the references to books and to the devil, as an allegory to the libertarian ideology, as well as their relationship with the library's space.

Keywords: Devil. Library. Minas Gerais.

Uma biblioteca é como um grande gabinete mágico que está cheio de espíritos que dormem nos livros.

Emerson

O diabo é personagem recorrente no imaginário popular, em contos e lendas, bem como na literatura, sendo atribuída a ele a representação essencial da maldade. Entretanto, é no período colonial mineiro que sua representação aparecerá, para além da conjuntura religiosa, simbolizando os ideais iluministas franceses, na forma de livros.

Este artigo pretende, a partir de uma leitura crítica do ensaio "O diabo na livraria do cônego", de Eduardo Frieiro, e do conto "1789-1790", de Maria José de Queiroz, analisar, sob o contexto histórico da Inconfidência Mineira, as referências aos livros e ao diabo, alegoria das ideias libertárias, e sua relação com o espaço da biblioteca.

Num misto de ficção e história, a fábula "1789-1790", integrante do livro *Como me contaram: fábulas históricas*, de Maria José de Queiroz, relata a história do erudito cônego da Sé de Mariana, Minas Gerais, Luís Vieira da Silva, considerado a pessoa mais instruída do Brasil em fins do século 17, e também dono de uma monumental biblioteca particular. Preso, aos 54 anos de idade, acusado de liderar um movimento de conspiração republicana mineira, seus livros, ou melhor, um único livro, como se verá adiante, foi considerado prova de seu envolvimento na insurreição mineira.

Sua livraria¹ vista como símbolo de revolta contra a metrópole, juntamente com todos os seus bens, foi confiscada pelas autoridades e relatada nos *Autos da Devassa*. No ensaio intitulado "O diabo na livraria

do cônego", Frieiro analisa esse confisco e trata dos livros proibidos que os inconfidentes guardavam em suas casas.

O cônego possuía em sua residência mais de setecentos volumes, com cerca de 270 títulos, constituindo, desse modo, uma biblioteca notável para aquele tempo e lugar, superior às bibliotecas particulares da Europa. A biblioteca de Kant e Spinoza, por exemplo, contavam, respectivamente, com cerca de 300 e 160 obras. A biblioteca do cônego Vieira, segundo o historiador Luiz Carlos Villalta, era "quijá uma das maiores do período colonial".²

A lista dos livros demonstra que o cônego era um espírito altamente cultivado e receptivo, uma inteligência aberta aos mais variados campos do saber. Dentre os livros encontrados em sua biblioteca havia dicionários, textos de oratória, teoria estética, arte, volumes da Enciclopédia de Diderot e d'Alembert, os clássicos gregos e latinos. Vieira era "curioso de tudo, e de tudo havia um pouco entre seus livros, que ele teria adquirido sabe Deus com que dificuldades".³

Ressalta-se que, dos oitocentos volumes sequestrados, mais da metade eram em latim, cerca de noventa em francês, pouco mais de trinta em português, seis em italiano, alguns em espanhol, além de vinte e quatro livros ingleses que figuram na relação sem indicação de títulos e autores. No geral, "o melhor da livraria de Luís Vieira da Silva não estava na quantidade, mas na qualidade das obras reunidas",⁴ eram obras de formação, informação, recreio, agitação e propaganda de novas ideias.

É importante destacar, ainda, que pouco se sabe sobre a vida do clérigo e sua história pode ser explicada a partir da citação do escritor e bibliófilo francês Jules Janin: "Muitos homens não deixaram outra oração fúnebre senão o catálogo de sua biblioteca".⁵ A vida pessoal de Vieira parece não ter tido nenhum episódio especial no período colonial mineiro, entretanto, seu acervo e o que se deu com ele é um importante registro histórico tanto da ação inquisitória portuguesa na América como da aversão aos livros nas Minas Gerais.

Embora o clérigo tenha sido acusado de revoltoso, de tramar uma conspiração contra a metrópole, em sua residência não foram encontradas nenhuma arma ou equipamentos de artilharia, apenas livros. Sua culpa, segundo consta, limitou-se a terem encontrado em sua biblioteca, como prova incontestada, um "livrinho francês", relativo à Revolução Francesa.

O crime do cônego, ao que parece, limita-se a posse de um gigantesco, diverso e supostamente incendiário acervo de livros que poderiam, supostamente, contestar alguns dogmas da Igreja e, conseqüentemente, difundirem uma rebelião na colônia. Se, de certa forma, saber é poder, e que os livros são possibilidade de sabedoria, o delito do clérigo configurou-se, assim, na verdade, como um índice de ameaça ao poder absoluto da Igreja e do Estado na época.

Embora seu envolvimento com a Inconfidência não tenha sido, de fato, provado, acredita-se que o cônego possuía certa responsabilidade intelectual e que idealizava o fim das condições que a colônia era submetida, pois, uma vez que o clérigo era "ilustrado, nutrido de boa ciência, bem informado, muito natural que Voltaire, grande agitador de ideias, e o abade Mably, utopista, lhe ensinassem política e rebeldia", afirma Maria José de Queiroz.⁶

A livraria do clérigo, conforme avalia Frieiro, era frequentada pelo diabo, metáfora dos ares libertários oriundos do Iluminismo francês. Segundo ele, o diabo dentro da biblioteca insinuava-se "sob o melhor disfarce, a letra da imprensa, para perturbar e perder o bom clérigo."⁷ A atribuição da liberdade ao diabo e do mal presente no imaginário dos mineiros aos livros, transformou o cenário da biblioteca em um "ambiente infernal", disseminador, portanto, de ideias iluministas. De acordo com Frieiro, na coleção de

livros do cônego "havia livros perigosos e incendiários. O espírito da Revolta – o espírito de Satã – penetrara nela, cavilosamente escondido nas obras dos escritores e filósofos."⁸

Ora censurada pela ação da Igreja Católica, ora preservada em esconderijos, em mosteiros, do mito a realidade, o espaço da biblioteca constituiu-se, nesse contexto, como um ambiente circunscrito pelo medo e pelo enigma.

Configurado na Alta Idade Média, como um espaço perigoso, o acesso à biblioteca sempre fora restrito. A própria reprodução dos livros era feita apenas pelos monges copistas e, posteriormente, a leitura deles, era igualmente restrita a uma pequena parcela da população.

Por conterem assuntos que poderiam estimular pensamentos reflexivos e contestadores do saber oficial da Igreja Católica, o livro foi, de certa forma, diabolizado pelo domínio eclesiástico. O poder, encanto e sedução, produzidos por tal objeto, levaram a Igreja a tomar severas atitudes. No romance, *O nome da Rosa*, de Umberto Eco, a fim de se proibir a leitura, envenenam as páginas dos livros.⁹

Na tentativa de ocultar o saber, aos olhos da Igreja um saber pagão merecedor de punição, o acesso à biblioteca tornou-se limitado e esse espaço se converteu num lugar de abrigo para os mais diversos demônios e espíritos incendiários adormecidos, prontos a ser despertados ao virar das páginas – talvez daí o apelo ao uso do veneno nas folhas.

O diabo surge, assim, enquanto símbolo do saber, isto é, da ameaça do saber representado pelas bibliotecas, pois a informação restringida a poucos contribui de certa forma, para a manutenção da dominação. Pois, conforme dito anteriormente, saber é sinônimo de poder.

A construção humana da figura do diabo teve distintos momentos na História. Sendo que para o escritor russo Máximo Gorki o diabo é, na verdade, "uma invenção maligna dos homens para justificarem suas torpezas".¹⁰ A existência do diabo, desse modo, atrelar-se-ia a uma justificativa filosófica para explicar a presença do mal na sociedade.

Descrito na tradição cristã como o anjo rebelde blasfemador que se revoltou contra Deus, o diabo na perspectiva religiosa é a própria personificação do mal e da revolta. Na Bíblia, ele pode ser visto também como um símbolo do conhecimento e da liberdade, uma vez que sob a forma de uma serpente, o diabo tenta o homem a comer o fruto proibido com o argumento da obtenção do discernimento: "vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no conhecimento no bem e no mal".¹¹

Por outro lado, na literatura, ele aparece como um personagem mítico "sob inúmeras facetas e com um estoque de surpresas sempre renovado"¹². Por Dante Alighieri, por exemplo, o diabo é retratado como um gigante tricéfalo com seis imensas asas, já para Charles Baudelaire "o tipo mais perfeito de beleza viril é o de Satã".¹³ Ressalta-se que no campo literário, o diabo também será retrato como índice de criatividade, de liberdade de criação, visto que a tarefa de criar é uma "operação satânica por excelência".¹⁴

Assim, esse imaginário diabólico migrou para os livros devido à situação repressiva que a colônia vivenciava, em que os livros simbolizavam um conhecimento que vem de fora e que, posteriormente, trariam uma autonomia de pensamento para a colônia em relação à metrópole.

Desse modo, o diabo apresenta-se como uma figura ambivalente, pois se representa "o mal" pelo discurso religioso, representa também "o libertador" – isto é, a liberdade do pensar e do agir – para os oprimidos da colônia. Assim, o diabólico criado pela Igreja pode ser visto como um temor à disseminação da liberdade do pensamento e da criação. Logo, a resistência aos livros realizada pela Inquisição foi, na verdade, o medo de uma possível insubordinação aos dogmas defendidos pela Igreja.

A posse de livros, metonímia do conhecimento, durante a Inconfidência Mineira, sobretudo daqueles considerados "subversivos", – vale lembrar que nesse período havia a censura literária por meio do *Index Librorum Prohibitorum*, isto é, a lista dos livros proibidos pela Inquisição – tornou-se indicação de inteligência, humanismo, e, principalmente, índice de escape ao poder opressor. Eram proibidos, por exemplo, qualquer livro contrário à religião, à moral, à cultura e à ordem política.

Embora estritamente fiscalizada pela Igreja, conforme afirma Villalta "em Minas Gerais, temos indícios de que havia tentativas de fiscalização, mas elas parecem ineficazes",¹⁵ pois, além do registro de diversas bibliotecas particulares – pequenas se pensarmos ao número de letrados na colônia portuguesa, mas significativa a ponto de fomentar ideias de emancipação política contra os portugueses – registra-se, também, a presença de livros proibidos entre figuras mineiras importantes, como, por exemplo, o próprio governador das Minas na época da Inconfidência.

A demonização por parte das autoridades eclesiásticas do que se tem como ameaça foi muito recorrente na história da colônia da América portuguesa. Por manutenção do Estado do rito católico, por exemplo, demonizou-se, a figura do índio, juntamente com todas as suas práticas culturais. E essa mesma intolerância, por parte da Igreja e do Estado, transportou-se para os livros, proibindo-os na colônia:

Se o imaginário mineiro colonial demonizava a sedição, a Natureza (a miséria do homem e a Natureza como se concebia no século XVIII), a maledicência, o calundu e os libertinos, estas ideias, ações e personagens caso se fizessem presentes nos livros, tornavam-nos proibidos.¹⁶

Villalta aponta, em seu estudo, para a hipótese de que as bibliotecas dos inconfidentes teriam induzido, de certa forma, a comportamentos que poderiam ser considerados como diabólicos. Segundo o historiador, na biblioteca de Vieira "Lúcifer tinha o seu império"¹⁷ e Frieiro destaca a presença do "doutor herético" circulante nos volumes da livraria do cônego que efetivamente o perdeu.

Desse modo, o livro além de representar a liberdade é igualmente um objeto desestabilizador da ordem, capaz de desencaminhar e "perverter" seus leitores, ou seja, a colônia. Ainda segundo Frieiro, a própria função dos ditos bons livros seria envolver e alterar os leitores: "O destino dos bons livros é esse: o de encantar e perturbar, excitando magicamente a fantasia, o de fecundar e estimular a faculdade criadora do espírito, irmanando o sonho com a ação."¹⁸

É essa perversão / alteração nos indivíduos construída, nesse contexto, por meio da leitura de obras estrangeiras, e a incorporação / aplicação das novas ideias neles contidas é que também conferiu a ideia de monstruosidade aos livros e conseqüentemente, ao espaço da biblioteca, no período mineiro colonial.

A posse dos livros simbolizava um índice de ameaça e subversão aos olhos da Igreja. O acesso às bibliotecas, restrito aos letrados no Brasil colonial, era sujeito, desse modo, a ações inquisitórias. Sendo a representação dos livros aproximada ao diabo, enquanto metáfora dos ares libertários aspirados pela colônia, como um monstro, pela sua capacidade de deturpação.

Embora o século 18 seja marcado pela inclinação à observação empírica do mundo e pela busca pelo conhecimento, qualquer ideia ou mesmo hábito tido por diferente ou perturbador pelos colonizadores eram alvo de demonização, censura e perseguição. Qualquer livro francês, por exemplo, era proibido na colônia por poder propagar o espírito revolucionário da Europa vigente na época.

No início do Século das Luzes, essa diabolização ou monstrificação de certas obras agravou-se, principalmente por se tratar de uma época de transição entre o pensamento medieval e o racionalismo difundido pelo Iluminismo francês.

O período histórico, portanto, é um momento de dominação e expansão do catolicismo que atuou, muitas vezes de forma violenta, sobre qualquer ideia que divergisse da corrente tradicional cristã. Desse modo, era tido como um crime de heresia tudo o que não correspondesse às normas prescritas pela Igreja.

Se, somente por serem em língua francesa, algumas obras eram demonizadas, um simples empenho do estudo delas tornou-se alvo de condenação pelas autoridades eclesiásticas. Conforme afirma Queiroz: "que sílabas latinas em terras incultas e que a aplicação aos estudos apenasmente amor desinteressado à ciência e ao saber parecia coisa absurda aos olhos e ouvidos dos promotores da Devassa da Inconfidência Mineira".¹⁹

Em uma terra de poucos letrados, o conhecimento trazido de fora se apresentou como um instrumento de ruptura da tradição medieval, uma vez que a inovação das ideias defendidas pela Ilustração levaria não só a liberdade de pensamento como também derrubaria os diversos mitos e pilares da ciência medieval, logo, diminuiria também o controle da Igreja, nessa área, sobre a população.

O imaginário de demonização / monstrosidade impregnou-se nos livros pelo medo de que a leitura deles pudesse causar transformações nos indivíduos, que uma vez "esclarecidos" – poderiam, por exemplo, não aceitar certas regras ou estatutos preestabelecidos e pré-aprovados. Os livros convertem-se, desse modo, em monstros pelo poder instituído que recobre sua referência ao medo do desconhecido.

Segundo Jeffrey Cohen, "o monstruoso oferece uma fuga de seu hermético caminho, um convite a explorar novos espirais, novos e interconectados métodos de perceber o mundo".²⁰ Na concepção católica vigente da época, as ideias libertárias podem ser vistas como um monstro, como aquilo que visa a desestabilização do sistema, desdobrando suas reverberações em crime e pecado.

A metáfora do monstro é, na verdade, o perigo do conhecimento, da autonomia de pensamento, da possibilidade da instauração de um inconformismo que uma vez despontado não se curva à subordinação.

Para Cohen, "o *monstrum* é etimologicamente, 'aquele que revela', 'aquele que adverte'", tal definição pode nos servir para ilustrar a concepção dos livros na Inconfidência Mineira, visto que estes, juntamente com o espaço da biblioteca, de certa forma, revelam o saber, o conhecimento. A saber, etimologicamente, "demônio significa 'conhecimento', em grego".²¹

Os livros sob o contexto da Inconfidência Mineira parecem corroborar a última tese sobre os monstros de Cohen, pois eles:

trazem não apenas um conhecimento mais pleno do nosso lugar na história e na história do conhecimento de nosso lugar, mas eles carregam um autoconhecimento, um conhecimento humano – e um discurso ainda mais sagrado na medida em que ele surge de Fora. Esses monstros nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar.²²

De volta à livraria do cônego, após seu confisco pela Devassa não se tem registros e/ou precisas informações sobre o seu destino. Se o cônego esteve de fato envolvido em uma conspiração contra a metrópole não se sabe. Fato é que antes de ser um inconfidente, Luís Vieira da Silva era um ávido leitor. Embora seus livros tenham sido sequestrados, as ideias que eles difundiam permaneceram. As novas ideias, o espírito da liberdade continuou circulando pelos ares da colônia, pois o monstro uma vez libertado nunca retorna ao cativeiro.

***Késia Rodrigues de Oliveira** é graduanda em Letras na Faculdade de Letras da UFMG e pesquisadora de Iniciação Científica (CNPq) do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

Notas

- ¹ Segundo o dicionário *Michaelis*, “livraria” é, no período, sinônimo de “biblioteca”.
- ² VILLALTA, Luiz Carlos. O diabo na livraria dos inconfidentes. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Tempo e história*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 373.
- ³ FRIEIRO, Eduardo. O diabo na livraria do cônego. In: _____. *O diabo na livraria do cônego: como era Gonzaga? e outros temas mineiros*. São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981, p. 37.
- ⁴ FRIEIRO, 1981, p. 24.
- ⁵ FRIEIRO, 1981, p. 53.
- ⁶ QUEIROZ, Maria José de. 1789-1790. In: _____. *Como me contaram: fábulas históricas*. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1973, p. 72.
- ⁷ FRIEIRO, 1981, p. 22.
- ⁸ FRIEIRO, 1981, p. 22.
- ⁹ ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 549.
- ¹⁰ VILLENEUVE, Roland. Satã. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2000, p. 814.
- ¹¹ Gn 3:5.
- ¹² VILLENEUVE, 2000, p. 814.
- ¹³ VILLENEUVE, 2000, p. 814.
- ¹⁴ VILLENEUVE, 2000, p. 819.
- ¹⁵ VILLALTA, 1992, p. 372.
- ¹⁶ VILLALTA, 1992, p. 370.
- ¹⁷ VILLALTA, 1992, p. 377.
- ¹⁸ FRIEIRO, 1981, p. 23.
- ¹⁹ QUEIROZ, 1973, p. 71.
- ²⁰ COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 31.
- ²¹ SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios. In: _____. *O mundo assombrado pelos demônios*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 123.
- ²² COHEN, 2000, p. 54.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. Trad. Euclides Martins et alii. São Paulo: Paulus, 2010.

- COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 23-60.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- FRIEIRO, Eduardo. O diabo na livraria do cônego. In: _____. *O diabo na livraria do cônego: como era Gonzaga? e outros temas mineiros*. São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p. 13-62.
- LIVRARIA. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <www.uol.com.br/michaelis>. Acesso em: 04 abr. 2011.
- QUEIROZ, Maria José de. 1789-1790. In: _____. *Como me contaram: fábulas históricas*. Belo Horizonte: Imprensa Publicações, 1973. p. 70-73.
- SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios. In: _____. *O mundo assombrado pelos demônios*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 121-140.
- VILLALTA, Luiz Carlos. O diabo na livraria dos inconfidentes. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Tempo e história*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 367-395.
- VILLENEUVE, Roland. Satã. In: BRUNEL, Pierre (Org.) *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2000. p. 813-825.